

Primeiros Contatos com a Graduação

2^a Edição

Tito Spadini

2022

Este livro foi escrito, editado e distribuído de forma totalmente independente e gratuita por **Tito Spadini**.

Caso deseje contribuir financeiramente, envie um **Pix** da quantia que desejar para a seguinte chave:

tito.spadini@gmail.com

Visite <https://spadini.info> para mais informações.

Esta obra está licenciada com uma licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)**.



Lembre-se de que, para ter o direito de compartilhar este material, você concorda que:

- preservará a autoria da obra de forma idêntica à original;
- não modificará a obra original;
- não distribuirá versões modificadas da obra;
- não cobrará (nem pedirá qualquer doação de qualquer natureza) pelo compartilhamento da obra.

Em caso de dúvidas, prefira entrar em contato pelo endereço de e-Mail **tito.spadini@gmail.com** antes de prosseguir com qualquer coisa que envolva este livro.

Prefácio

Originalmente, isto não seria um livro, mas apenas um registro pessoal de memórias. Depois que passei a aceitar que tal obra passaria a ser um livro, comecei a escrever com um olhar um pouco diferente, e que penso ser até um pouco mais apropriado. Eu me empolguei muito com o livro em alguns momentos; deixei-me levar pela escrita, principalmente em alguns capítulos que têm um significado um tanto especial para mim, e isso resultou em um livro inesperadamente grande — não este da forma como você está vendo agora, é claro.

O nome de toda a obra original teria sido *Memórias da Graduação* e reuniria, em um só livro, todo um conjunto de elementos que julgo terem sua devida importância, tais como: 1) minhas primeiras experiências, desde o ingresso; 2) todo um conjunto de relatos sobre experiências em disciplinas que hoje eu considero que poderiam ter sido mais bem-aproveitadas se eu tivesse adotado posturas diferentes; 3) uma boa variedade de histórias sobre a Universidade, o campus, a vida universitária e elementos relacionados; 4) algumas críticas discutidas sobre certas características da graduação; 5) relatos de experiências

com meu orientador em várias áreas; e 6) um conjunto de sugestões sobre vários elementos da graduação, indo desde a escolha do curso até o preparo para o Mestrado.

Cheguei a pensar em preparar para versão impressa; porém, principalmente devido aos elevados custos, que, infelizmente, precisariam ser repassados a quem quisesse adquirir o livro, julguei mais apropriado fazer primeiro uma versão digital, o que agilizaria e reduziria muito os custos. Além disso, decidi dividir o conteúdo em vários livros, que foram lançados ao longo do ano de 2021 no formato de *eBook* pela *Amazon*. Agora, com a primeira edição de toda a coleção sobre a Graduação já publicada, preparei uma versão em PDF, que pode ser mais conveniente para quem quiser ler pelo computador, ou mesmo pelo Tablet, ou até caso queira imprimir.

Este é apenas um livro introdutório, bem mais enxuto, mas já traz consigo um pouco do que virá nos demais. Ainda assim, antecipo que pode haver certas diferenças não muito sutis entre os livros, como o fato de que, apesar de haver alguns com um ar um pouco mais descontraído, pode haver alguns com uma abordagem mais crítica, mais reflexiva e, quem sabe, até um pouco mais

tensa. Todos têm o seu porquê de assim o ser.

No caso deste livro, em particular, trata-se apenas de um primeiro passeio por meio das primeiras experiências que tive na graduação, enquanto ainda estava tentando me familiarizar com o que seria cursar uma graduação em uma universidade pública federal; neste caso, mais especificamente, o *Bacharelado em Ciência e Tecnologia* da *Universidade Federal do ABC*.

Neste livro, são tratadas questões que vão desde o processo seletivo, passando pelas primeiras experiências com colegas, discentes ou docentes, além de algumas burocracias institucionais, o que inclui experiências com matrículas. Além disso, também são abordados os primeiros contatos com pesquisa científica em uma universidade, que se deu por meio do programa *Pesquisando Desde o Primeiro Dia*, e uma interessante experiência de acompanhamento acadêmico complementar por meio do *Programa de Ensino e Aprendizagem Tutorial*. Por fim, a obra é finalizada com uma interessante questão sobre o foco dado às disciplinas e a outras atividades que complementam a graduação e que podem ter um importante papel na formação do graduando.

Sumário

1	O processo seletivo	1
2	O Período Ocioso	6
3	O primeiro quadrimestre	12
4	As primeiras aulas	20
5	A primeira experiência ruim	26
6	A primeira matrícula	36
7	A primeira pesquisa	43
8	A primeira busca por ajuda	58

Capítulo 1

O processo seletivo

Assim como em quase qualquer outro processo de admissão para uma Instituição de Ensino Superior (**IES**) no Brasil, o candidato deve realizar provas. Neste caso, trata-se do Exame Nacional do Ensino Médio (**ENEM**), com provas de:

1. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação;
2. Ciências Humanas e suas Tecnologias;
3. Ciências da Natureza e suas Tecnologias;
4. Matemática e suas Tecnologias.

O ENEM é composto de quatro provas e é realizado em dois dias de Domingo consecutivos, com duração de 05h30 no primeiro dia e de 05h00 no segundo dia, pois, no primeiro dia, além das questões, há uma redação a ser feita. Após as provas serem corrigidas, é liberado um boletim individual que contém as notas separadas por área do conhecimento, e serão essas as notas utilizadas para concorrer a uma vaga no processo seletivo, que será mais bem-explicado a seguir.

O processo seletivo da UFABC se dá por meio do Sistema de Seleção Unificada (**SiSU**), do Ministério da Educação (**MEC**), e é inteiramente realizado via Internet. Durante um intervalo de tempo pré-definido, o sistema permanece aberto para que o candidato se utilize de suas notas obtidas no ENEM para se candidatar a uma vaga disponível.

Cada IES participante define quais serão os pesos atribuídos a cada quesito considerado para a nota final que será utilizada para o ranqueamento dos candidatos. A IES também pode definir como será a divisão das vagas de acordo com alguma política de cotas (e.g. sociais, raciais e Pessoa com Deficiência (**PcD**)), além das vagas gerais,

que costumam ser chamadas de ampla concorrência. No caso da UFABC, salvo engano, ao menos 50% das vagas são destinadas às cotas.

No instante que o aluno for se candidatar a uma vaga na UFABC pelo SiSU, notará que, apesar de a instituição possuir diversos cursos, apenas os seguintes cursos constarão na lista de opções:

1. Bacharelado em Ciência e Tecnologia (**BCT**);
2. Bacharelado em Ciências e Humanidades (**BCH**);
3. Licenciatura em Ciências Humanas (**LCH**);
4. Licenciatura em Ciências Naturais e Exatas (**LCNE**).

Os cursos de Licenciatura listados são cursos muito recentes; naquela época só havia as duas opções de cursos de Bacharelado que foram mencionadas. Dado o fato de provavelmente haver uma grande gama de informações específicas sobre esses cursos e que podem diferir muito das vividas por mim quando só havia as opções dos Bacharelados, optei por não trazer detalhes sobre essas Licenciaturas.

Tais cursos são de um tipo conhecido como Bacharelado Interdisciplinar (**BI**), e o aluno deve optar por um deles para ingressar na instituição e, em seguida, caso assim deseje, pode dar continuidade aos seus estudos em algum outro curso que dependa deste primeiro. Esses outros cursos são chamados Pós-BI; ou, para ser mais específico, Pós-BCT e Pós-BCH, dependendo de quais forem os cursos em questão.

Ainda durante o processo seletivo realizado pelo SiSU, o aluno deveria escolher o turno de ingresso, diurno ou noturno, e o campus de ingresso, que poderia ser Santo André (**SA**) ou São Bernardo do Campo (**SBC**). Mas vale lembrar que, apesar da escolha de turno e de campus, a instituição não impede que os alunos solicitem matrículas em disciplinas de turno ou campus distintos dos que tiverem escolhido em seu ingresso.

Durante os processos internos de matrículas, há apenas uma vantagem àqueles que optarem por se manter em turno e campus de ingresso, mas não chega a ser um elemento impeditivo aos que optarem por algo distinto; será apenas mais difícil de conseguir a vaga se quiser sair da configuração de ingresso.

Logo que os resultados forem divulgados na plataforma do SiSU, tudo o que o aluno precisará fazer é, munido dos documentos listados, ir ao endereço informado, respeitando-se o dia e o horário indicados, para que seja possível realizar a matrícula, que será realizada por algum Técnico Administrativo (**TA**) da própria instituição. Foi justamente isso que eu fiz, e saí de lá com um comprovante de matrícula; ou seja, a partir daquele dia, eu já podia me considerar um aluno matriculado na UFABC; no meu caso, mais especificamente, um aluno do BCT.

Capítulo 2

O Período Ocioso

O que eu chamo de “Período Ocioso” é aquele que está entre a realização da matrícula e o primeiro dia de aula na instituição.

O sistema da UFABC é inteiramente quadrimestral, e há três quadrimestres letivos a cada ano. Apesar de as matrículas dos ingressantes aprovados na primeira lista — talvez, também a segunda —, serem iniciadas ainda antes de o primeiro quadrimestre começar, as listas subsequentes são divulgadas, em geral, após o início do primeiro quadrimestre.

Assim, para garantir que os ingressantes iniciarão as

aulas todos juntos e sem correr o risco de terem parte das aulas perdidas por terem sido convocados em listas remanescentes, as aulas dos ingressantes são iniciadas apenas a partir do segundo quadrimestre do ano letivo em questão.

Considerando o caso de um aluno que fez o ENEM como sua única prova de vestibular, pode-se dizer que o último dia de alguma atividade de estudo ou prova desse estudante havia sido o último dia de provas do ENEM, que ocorre na primeira quinzena de Novembro.

O segundo quadrimestre na UFABC se inicia entre o fim de maio e o início de junho, dependendo do ano. Perceba que é, praticamente, meio ano parado. O lado bom disso é o fato de que se pode descansar após o tenso período entre o término das aulas na escola (ou no cursinho) e o período do vestibular, o que pode ajudar o estudante quando iniciar as aulas na UFABC, e faz muita diferença para melhor.

Muitos estudantes encaram como férias (muito) mais longas; ou seja, optam por viajar, dormir até mais tarde, jogar videogame, praticar esportes, ir ao cinema, namorar, e tudo mais que bem entenderem; outros, por sua vez, optam por começar a estudar para se prepararem para

aulas, que talvez sejam mais difíceis do que pensam estar preparados para enfrentar.

A meu ver, caso o aluno não esteja realmente disposto, tanto física quanto psicologicamente, utilizar o período de descanso para correr atrás de tapar um número enorme de buracos deixados durante o ensino básico pode não ser uma boa ideia, pois acredito serem altas as chances de o estudante ainda não estar preparado para desenvolver sozinho um método suficientemente bom para realizar uma tarefa tão complexa nesse intervalo relativamente curto de tempo. E vale lembrar que o custo disso pode ser maior do que parece, pois equivale ao período que poderia ter sido utilizado para um oportuno e conveniente descanso.

Hoje em dia, a UFABC oferece aulas de revisão de tópicos de ensino médio que podem ajudar os alunos a sentirem menos dificuldades com os estudos quando as aulas oficialmente forem iniciadas (no segundo quadrimestre do ano), mas é importante frisar o fato de que, como o próprio nome já diz, trata-se de uma revisão; ou seja, espera-se que o aluno já tenha visto aquele conteúdo anteriormente.

Infelizmente, por conta da péssima qualidade do ensino básico no país — e observe que eu não estou fazendo

distinção entre ensino público e ensino privado aqui, porque o simples fato de a instituição ser particular, ou mesmo ser cara, não resolve um único problema sequer —, mesmo tratando-se de aulas de revisão, é comum que muitos dos alunos estejam vendo o conteúdo pela primeira vez; ou, apesar de já terem visto, é a primeira vez que o conteúdo é passado de forma mais completa e organizada.

E eu gostaria de reforçar aqui que estamos falando de alunos que foram aprovados no vestibular; assim sendo, de alguma maneira, estamos falando dos que, através de algum tipo de processo seletivo — sendo suas métricas questionáveis ou não —, foram considerados os melhores. Isso deve ser utilizado como um convite para uma reflexão à parte em outra ocasião, pois, se os “melhores” estão assim, como será que os demais, que são assustadoramente mais numerosos, estão?

Meu conselho àqueles que estão em dúvida sobre o que fazer durante o Período Ocioso é que procurem descansar de forma saudável, mas não deixando de ter em mente que terão uma responsabilidade bastante grande a partir do início do segundo quadrimestre do ano, que é quando suas aulas se iniciarão.

É importante que se preparem psicologicamente para interpretar o período da graduação como um trabalho de período integral, com a diferença de que, caso não disponham realmente do tempo compatível com tal período integral, sua formação precisará sofrer alguns ajustes no planejamento o quanto antes, sob o risco de essas incompatibilidades causarem prejuízos difíceis de serem posteriormente administrados.

Independentemente de quais tenham sido o seu comportamento e a sua visão de mundo durante o ensino básico, na Universidade haverá pouco ou nenhum espaço para encarar a sua formação como um mero período passageiro sem qualquer importância e que não trará qualquer consequência relevante se alguma besteira for feita; afinal, a consequência pode tardar, mas sempre vem, e pode ser boa ou ruim.

O assustador é que, dependendo do quão ruins forem a educação e a formação do indivíduo ao longo de sua graduação, é possível que algumas portas altamente relevantes se fechem permanentemente; e, dependendo de quais forem as futuras ambições e os futuros objetivos que o egresso vier a desenvolver em sua vida, simplesmente não

haverá o que possa ser feito a curto prazo e, possivelmente, nem mesmo a médio prazo.

Portanto, minha recomendação é a de que levem muito a sério esse período; o que não quer dizer que ele deva ser um período triste, entediante, lamuriante. Ao contrário! Eu diria que a ideia é justamente a de que ele seja um dos melhores momentos da vida; mas, para que isso seja possível, muitas visões de mundo precisam ser revistas. A postura do estudante pode precisar sofrer consideráveis modificações o quanto antes.

Capítulo 3

O primeiro quadrimestre

O primeiro quadrimestre era o que impunha maior grau de incerteza aos alunos, pois, além de haver uma mudança de rotina muito impactante, havia incertezas quanto ao curso, à instituição, à capacidade de se administrar os novos desafios, além de diversos outros elementos dificultadores.

A evasão era tão elevada que, a cada quinzena, havia ao menos um conhecido meu que optava por trocar de BI, trocar de instituição, ou abandonar a graduação por completo. E isso nem era o pior. A meu ver, o pior era quando a pessoa travava e não sabia nem o que fazer,

sentindo-se presa à situação em que se encontrava, pois pensava que seria péssimo continuar onde estava, mas que poderia ser ainda pior se optasse por mudar.

Diferentemente do que observei nas outras instituições pelas quais havia passado, na UFABC eu tive colegas das mais variadas origens e com as mais variadas culturas. Comecei a perceber ali que muitos haviam passado exclusivamente por escolas públicas de baixa qualidade, muitos vinham de muito longe (e.g. Piauí, Tocantins, Rio Grande do Sul, Pará, Bahia) e muitos eram os primeiros de suas famílias a colocar os pés em uma universidade.

Na época, eu ainda não compreendia bem o que essas realidades significavam realmente nas vidas daqueles estudantes e de suas famílias, mas eu já constatava essas informações sobre meus colegas, e já me sentia convidado a fazer certas reflexões, principalmente por perceber tamanha discrepância entre as realidades com as quais eu havia convivido até então e aquelas com as quais eu estava me deparando naquela época.

Eu ingressei pelo BCT no período diurno e iniciei meus estudos no ano de 2011 no Campus SA. Durante a primeira semana, havia algumas atividades de recep-

ção aos ingressantes, contando com uma espécie de aula magna bastante breve, algumas palestras e a divulgação de algumas informações.

Lembro-me da participação de alguns pró-reitores da instituição, bem como de cada um dos diretores de centro e alguns representantes de entidades estudantis. Todos haviam utilizado alguns minutos de seu tempo de fala para expor alguma mensagem informativa, compartilhar algum pensamento e sanar eventuais dúvidas dos ingressantes. Muitas foram as informações que nos foram passadas, e até nos forneceram um bonito manual impresso.

Na UFABC, exceto pelas disciplinas referentes ao estágio curricular obrigatório e a trabalhos de conclusão de curso (TCC), inexistem pré-requisitos para as disciplinas; em vez disso, há recomendações de disciplinas a serem cursadas previamente. Isso faz com que, durante o período de matrículas, qualquer aluno possa solicitar a matrícula em qualquer turma de qualquer disciplina que esteja sendo ofertada.

Perceba que isso implica a inexistência do que em outras instituições é conhecido como dependência — a famigerada DP —, que é classicamente tão temida por impedir

que o aluno prossiga com seus estudos até que seja aprovado em todas as disciplinas consideradas pré-requisitos da próxima disciplina a ser cursada, a não ser que, como ocorre em alguns casos incomuns, haja a aprovação por parte do coordenador do curso e do docente da disciplina. Não há isso na UFABC.

Apesar de não haver o conceito de pré-requisitos para as disciplinas na UFABC, há recomendações de disciplinas a serem cursadas para cada nova disciplina e, mais que isso, há um projeto pedagógico que define quais são as disciplinas *obrigatórias*, quais são as de *opção limitada* e quais são as *livres*, além de haver, também, uma matriz curricular sugerida, composta de um conjunto de disciplinas a serem cursadas a cada quadrimestre, que é o que se conhece por *quadrimestre ideal*.

O *quadrimestre ideal* nada mais é do que o conjunto de disciplinas indicadas na matriz curricular sugerida, de modo a compor a totalidade das disciplinas a serem concomitantemente cursadas durante um mesmo quadrimestre. Note que o quadrimestre ideal não se trata de algo realmente formal e que tenha sido verdadeiramente previsto no projeto pedagógico. Na verdade, apesar de muitos alu-

nos — e até mesmo muitos docentes — não saberem, sequer existe o uso dos termos “quadrimestre ideal” no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) da UFABC.

O tal quadrimestre ideal se trata de uma “invenção” com o intuito de que os alunos tivessem um norte para se guiar quanto a quais disciplinas cursar, e em qual ordem, da mesma forma que isso também beneficiaria a própria instituição, a coordenação e os docentes do curso. Eu imagino que, com isso, seja bem menos custoso e caótico planejar e administrar as disciplinas, além de organizar os horários, alocar salas, e até mesmo preparar as aulas em cenários mais previsíveis, como cenários em que os alunos tendam a seguir um caminho que, ao menos até certo ponto, seja padronizado.

Contudo, ainda assim, perceba que não existe o conceito de grade curricular na UFABC, então não pode ser considerado propriamente errado não seguir a matriz curricular sugerida; afinal, trata-se justamente de uma sugestão. Manter-se no tal *ideal* pode ser melhor para a instituição, mas não necessariamente é o melhor para todos os alunos.

Muitos dos membros da comunidade acadêmica da

UFABC falam com bastante orgulho que os alunos podem escolher quais disciplinas serão cursadas e quando serão cursadas; porém, para que isso faça algum sentido, a instituição não deveria ter tantos artifícios que empurrem os alunos em direção ao que se entende pelo quadrimestre ideal.

De qualquer forma, isso não impede os alunos de se matricularem em disciplinas que fujam do quadrimestre ideal; mas, para incentivá-los a seguir o *ideal*, o processo de matrículas fornece certas vantagens a quem o segue, priorizando-os no processo de seleção de disciplinas que ocorre quadrimestralmente.

Assim como muitos dos tópicos que acabam sendo trazidos vez ou outra durante a graduação na UFABC, tudo o que envolve o famoso quadrimestre ideal também acaba sendo motivo de conversas e discussões.

Até que ponto o quadrimestre ideal é realmente digno de ser interpretado como “ideal”? Quais são as reais vantagens conferidas àqueles que seguem o quadrimestre ideal, excluindo-se aqui as vantagens artificialmente impostas pela instituição? Os que seguem o quadrimestre ideal tendem a se tornar melhores profissionais? O desempenho de

quem segue o quadrimestre ideal tende a ser superior ao de quem não o segue?

Existem cursos que, comprovadamente, tendam a acumular maiores concentrações de alunos que seguem o quadrimestre ideal? Existe alguma correlação entre a tendência de se seguir o quadrimestre ideal e a idade do aluno? Existe alguma correlação entre a tendência de se seguir o quadrimestre ideal e a condição socioeconômica do aluno? É factível cursar o quadrimestre ideal durante quadrimestres que incluam estágio?

Nenhuma dessas perguntas possui uma resposta que convencerá a todos. Independentemente de qual seja a pergunta escolhida dentre essas apresentadas (ou similares), sempre haverá um grupo de pessoas que pensarão de forma diferente e que, portanto, discordarão da resposta dada, seja ela qual for.

Vale lembrar que todos esses temas foram introduzidos ao longo de um brevíssimo intervalo de tempo, e os alunos deviam tomar conhecimento disso de forma completa e correta o quanto antes, pois os erros ocasionados por motivos de interpretações equivocadas sobre o *modus operandi* da instituição não seriam facilmente corrigidos,

e isso era algo que, com razão, faziam questão de deixar bem claro a todo o momento.

Capítulo 4

As primeiras aulas

Embora se tratasse de um curso de graduação de uma Universidade Federal (**UF**), as aulas do primeiro quadrimestre não me assustavam, porque eu já havia tido experiências em graduações iniciadas em outras instituições, não havendo tantas diferenças significativas no início; porém, faço questão de reforçar que essa aparente facilidade se dava exclusivamente pelo fato de eu já ter tido tais experiências.

Os professores que tive, de um modo geral, eram muito bons. Pessoas relativamente jovens, com uma aparente vontade bastante intensa de ensinar da melhor forma

possível. Isso não significa que cada um dos professores vivia com um enorme sorriso no rosto, e que sempre o que havia era apenas alegria, mas eram professores que ainda não haviam se entregado a uma visão derrotista e conformista em relação aos seus alunos; em vez disso, eram pessoas interessadas, empenhadas, animadas e, aparentemente, bem-intencionadas.

Porém, tenho que reconhecer, de fato, que nem todos os professores eram bem dessa forma tão agradável, pois consigo me lembrar de uma peça rara ou outra que eu acabei conhecendo depois de algum tempo, e que soube que havia dado aulas a amigos meus no primeiro quadrimestre, o que me leva a crer que, possivelmente, eu havia tido sorte quanto aos primeiros professores.

Acredito ser importante fazer esta ressalva para que não haja o risco de os leitores pensarem que tudo era um mar de rosas quando eu entrei (em 2011) e que tudo foi apenas piorando desde então, o que não condiz com a realidade.

As disciplinas que constituíam o primeiro quadrimestre da UFABC na minha época eram:

- Bases Matemáticas;

- Estrutura da Matéria;
- Base Experimental das Ciências Naturais;
- Bases Computacionais; e
- Origem da Vida e Diversidade dos Seres Vivos.

Essencialmente, essas disciplinas eram quase que uma espécie de revisão do que eu havia tido no ensino médio. No caso de Bases Matemáticas (**BM**), que incluía algumas novidades em relação à minha formação básica, como as famigeradas provas (demonstrações) matemáticas, eu já havia tido parte disso em outra instituição, então não chegou a ser algo tão complicado assim.

Confesso que nunca fui muito fã de matérias de biologia, então a disciplina de Origem da Vida não me atraía de modo algum, mas isso acabou sendo algo que eu aprendi a administrar positivamente ao longo da vida, e posso dizer que hoje eu, felizmente, enxergo de outra forma.

Sobre BM, como eu já havia cursado disciplinas sobre aqueles assuntos em outras instituições e já havia tido muitas experiências muito anteriores àquela da UFABC, tendo até dado algumas aulas particulares sobre alguns

dos tópicos, foi a disciplina mais tranquila do quadrimestre; ainda assim, não foi tão fácil, principalmente pelo fato de eu ter tido uma professora bastante exigente.

As aulas de Estrutura da Matéria (**EM**) eram as que mais me agradavam; nem tanto pelo conteúdo em si, apesar de ser muito legal, mas principalmente por causa do professor. Era uma pessoa muito afável, e sempre chegava às aulas com muita alegria, procurando sempre verificar se os alunos estavam com alguma dúvida, incentivando-os de maneira bem convidativa a fazerem perguntas; ele sempre comentava sobre alguma curiosidade ou alguma aplicação daqueles conhecimentos com algo mais tangível para nós, com direito a simulações em sala de aula, a vídeos e a discussões.

Além disso, ele havia sido o único professor que parecia realmente estar tentando respeitar a ideia de avaliar os alunos utilizando o sistema de conceitos em vez de apenas converter valores numéricos, que é o que quase todo mundo faz na instituição. Realmente, não me lembro de um só dia de aula com aquele professor que tenha sido abaixo de “muito bom”.

A disciplina de Bases Computacionais (**BC**) era muito

divertida. Tranquilamente, em termos do conteúdo em si, a melhor de todo o quadrimestre. Até hoje eu não sei se quem havia definido aquela abordagem havia sido meu professor, mas eu havia gostado. É claro que, sem dúvida, poderia ter sido ainda melhor — sempre pode ser melhor —, mas já havia sido muito boa maneira como havia sido ministrada.

O professor de BC não era ruim, de modo algum. Era um professor muito preocupado também, e parecia ser bem-educado, mas era um professor um pouco mais quieto, mais “fechado”. Isso não o diminui como professor de modo algum. Suas aulas eram um pouco mais diretas, e ele não parecia ser tão entusiasmado nas explicações, mas a aula era boa.

Esse professor de BC mostrou ser muito justo, pois, quando ficou em dúvida quanto a algumas respostas que eu havia dado em questões de sua prova, enviou-me um e-mail me convidando a aparecer em sua sala para conversarmos e para que eu tivesse a oportunidade de explicar com calma a ele o que eu queria dizer.

Ele, na posição em que se encontrava, poderia ter simplesmente optado por dar uma nota baixa por não ter

entendido ou não ter concordado, mas preferiu confirmar comigo calmamente. Fui do **D** ao **A** apenas por causa do fato de o professor ter preferido verificar a situação antes de sair distribuindo insinuações e, em seguida, condenações obtidas a partir de suas próprias conclusões. Não há como esquecer um gesto desses.

Capítulo 5

A primeira experiência ruim

A minha pior experiência do primeiro quadrimestre ocorreu nas aulas de Base Experimental das Ciências Naturais (**BECN**), que eram todas em laboratório.

A maior parte dos colegas de grupo era tranquila; pessoas que, aparentemente, estavam ali querendo aprender, sempre com muito respeito e com certo nível de humildade, pelo menos suficiente para que a convivência fosse sempre muito prazerosa ou, no mínimo, perfeitamente suportável.

CAPÍTULO 5. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA RUIM²⁷

Havia, no entanto, um indivíduo específico, cujo nome não faço questão de expor aqui — e nem devo —, que tinha uma postura simplesmente inadmissível, pois, com toda a sua arrogância e sua prepotência, fazia questão de esfregar nos rostos das pessoas a sua (suposta) enorme sapiência ilimitada sobre todo e qualquer assunto que envolvesse ciência e literatura; um indivíduo absolutamente insuportável e negativamente provocador, com uma conduta tóxica e corriqueiramente sarcástica.

Lembro-me até de uma vez que ele insinuou que eu não deveria ter sido aprovado (no vestibular) por, naquela época, ainda não ter lido qualquer obra de *Saramago*. O comentário não fora feito por ele com um tom de mera brincadeira; ele estava, realmente, afirmando que, apenas pelo fato de eu não ter lido alguma obra de *Saramago*, eu não mereceria estar em uma IES.

O que me assombrava mais era saber que o indivíduo, com toda aquela postura tão nociva e aquela visão tão obtusa da vida, queria ser professor. Não exatamente na UFABC, mas eu já havia tido experiências terríveis com professores em instituições de ensino pelas quais havia passado. Não cabe mencionar aqui agora, pois seria um

conteúdo incompatível com os propósitos deste trabalho, mas algumas das histórias sobre alguns dos tais professores são realmente assustadoras; algumas, infelizmente, potencialmente criminosas.

A convivência com esse indivíduo foi realmente muito complicada, porque éramos um grupo de pessoas inexperientes com a missão de conduzirmos diversos experimentos científicos em um laboratório interdisciplinar e, ao longo do quadrimestre, desenvolvermos um projeto que tivesse alguma relevância científica — guardadas as devidas proporções, visto que estamos abordando aqui uma disciplina introdutória de um curso de graduação —, e que seria apresentado, na forma de um pôster, em um simpósio científico aberto que ocorreria no próprio campus universitário ao final daquele mesmo quadrimestre, sendo avaliado por outros professores.

Ou seja, além de termos essa tarefa, que já era suficientemente pesada para um grupo tão incipiente e relativamente desorganizado, tínhamos ainda que lidar com um indivíduo que servia quase que exclusivamente para apenar a alegria de viver daqueles que o cercavam. Aliás, aproveito a ocasião para comentar que tal problema é algo

CAPÍTULO 5. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA RUIM²⁹

muito comum na vida universitária. Trabalhos em grupo costumam ser bastante problemáticos e conturbados.

Muitos dos meus amigos chegaram a me contar de muitíssimos casos, até bem típicos, de problemas envolvendo trabalhos em grupo. Todos conheceram algum colega que sempre chegava atrasado às aulas de laboratório, mas que sempre tinha a melhor desculpa do mundo para aquilo ocorrer — mas era assim apenas em sua própria opinião, é claro.

Todos conheceram algum colega que quase nunca abria o documento do trabalho (em geral, via *Google Docs*, *Google Drive*, *Dropbox*, *Overleaf*, *ShareLaTeX*¹, *One Drive* ou afim), mas que vivia dizendo que alguma coisa aconteceu no trabalho, ou que alguém havia morrido, ou que a pessoa enfrentou uma doença séria, ou qualquer outra desculpa que a pessoa bem entendesse.

Assim como todos conheceram algum colega que sempre alegava que não precisaria mexer em X ou em Y porque havia algum outro membro do grupo já mexendo com aquilo muito bem, e que não gostaria de atrapalhar. E eu também não posso me esquecer daqueles que sempre

¹O *Overleaf* acabou “engolindo” o *ShareLaTeX*.

*CAPÍTULO 5. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA RUIM*³⁰

viviam elogiando os demais para fazerem média e diminuir as chances de serem cobrados quanto às suas obrigações como membro do grupo.

Porém, todas essas pessoas sempre queriam ter seus nomes nos trabalhos e, caso não tivessem, já estavam sempre prontas para brigar por isso com unhas e dentes, como se fosse seu direito conquistado com muita luta, embora tivessem sido apenas aproveitadoras tentando tirar vantagem de gente que não sabia como administrar a malandragem dos demais, não importando se isso se daria por meio do medo, da vergonha ou do cansaço.

Embora talvez não aparente, esse problema acaba atrapalhando muito a todos aqueles alunos que não aceitam ter suas notas prejudicadas e sua formação comprometida, pois, dado que uma parte do grupo não trabalha, acaba havendo mais trabalho a ser feito por parte daqueles que realmente trabalharão. Isso significa que haverá um maior desgaste físico, um maior desgaste psicológico e uma maior demanda de tempo de trabalho, e a recompensa nem sempre será maior do que seria se todos trabalhassem juntos.

Vale lembrar que os indivíduos com tal compostura,

em geral, são pessoas que pouco ou nada se importam com sua formação. Querem apenas tirar vantagem, tal como parasitas, aproveitando-se dos colegas que se esforçam ao máximo para se formarem da melhor forma possível e, assim, conseguir obter, ainda que com nenhum legítimo mérito próprio, o tão almejado diploma, que, para essas pessoas, nada mais é do que um pedaço de papel (que cada vez tem menos valor para diversas finalidades).

A formação, de fato, elas não terão, pois não terão feito o trabalho necessário para isso; em vez disso, terão preferido subir nas costas de gente que realmente mereceu em sua formação e conseguiu atingir gloriosamente tal posição; as demais, infelizmente, apenas terão um pedaço de papel que diz que elas receberam a mesma formação, mas isso é apenas para inglês ver. O conhecimento real acaba sendo carregado e transmitido apenas por alguns poucos. Felizmente, jamais esses “alguns poucos” incluem os que apenas se aproveitaram dos demais.

Felizmente, ao longo daquele quadrimestre, boa parte dos membros do grupo havia identificado a postura nociva que aquele indivíduo tinha diante dos demais colegas. Mesmo todos evitando tocar no assunto de forma explícita,

*CAPÍTULO 5. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA RUIM*³²

era nítido que o grupo parecia estar bem mais atento às suas condutas tóxicas, e isso permitiu que todos pudessem se defender melhor.

Depois de tantas dores de cabeça enfrentadas com aquele indivíduo, tendo até que contar com uma, digamos, (quase) intervenção por parte da professora para que nós pudéssemos dar prosseguimento às atividades de uma forma menos lamuriante, todos havíamos comemorado ao final do quadrimestre por sabermos que não seria mais necessário aturar aquela peça rara. Mas há algo de bom que havia ocorrido naquela época para ajudar.

Uma das grandes felicidades que acabou contribuindo significativamente para atenuar as dores de cabeça daquele período havia sido a importante participação de um professor sensacional que fora indicado por nossa professora de laboratório.

Como meu grupo estava com uma dificuldade um tanto elevada para pensar em possíveis projetos a serem construídos ao longo daquela disciplina de laboratório de ciências, nossa professora havia sugerido que fôssemos atrás de um específico professor de física experimental. Como, provavelmente, o professor estaria em sua própria sala na-

*CAPÍTULO 5. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA RUIM*³³

quele mesmo momento, nossa professora nos disse para irmos falar com ele, mas não deveríamos ir todos, pois seríamos muitos na sala do professor, então apenas dois de nós foram, e eu havia sido um deles.

Ao chegarmos à sala do professor, já bastante temerosos quanto a como nos dirigirmos a ele, lembrando que nós éramos alunos ingressantes e, como tal, quase nada sabíamos a respeito de como deveríamos nos portar quanto à comunicação com um docente; fora o fato de aquele professor poder, quem sabe, ser um daqueles malucos que pensam que são algum tipo de entidade superior, e que esperam que todos os demais se curvem e se dirijam a ele como se estivessem lidando ali com algum tipo de divindade suprema.

Felizmente, ele havia se mostrado tremendamente afável. Disse-nos para entrar em sua sala, ofereceu assentos para que nos sentássemos durante a conversa, ouviu pacientemente nossa dificuldade, esperou que terminássemos de expor o que havíamos ido procurar com ele e, então, começou a passar diversas sugestões bastante atraentes de possíveis projetos, sendo muitos com um ar bastante ousado aos nossos olhos.

*CAPÍTULO 5. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA RUIM*³⁴

O que mais chamou nossa atenção, e que acabou sendo escolhido, foi um “nariz eletrônico”, que era um dispositivo de segurança responsável por detectar, por meio de gases, a presença de determinados produtos químicos de alto risco à saúde.

O professor até imprimiu alguns artigos para que levássemos ao nosso grupo para estudarmos, forneceu-nos materiais que ele tinha em seu armário e, mais que isso, foi conosco até o laboratório naquele mesmo instante, ainda durante o horário de nossa aula, para explicar ao nosso grupo todo o que poderíamos fazer e como deveríamos proceder. Para completar, o professor até nos disse que estaria à nossa disposição para o caso de precisarmos de qualquer ajuda, e até insistiu que permitíssemos que ele acompanhasse nosso progresso ao longo do quadrimestre.

Tal professor havia cumprido com tudo o que havia prometido. Em todas as vezes que precisamos de sua ajuda, ele esteve lá por nós. Cada um dos e-mails que havíamos enviado a ele foi respondido bastante rapidamente, ainda que fosse para nos dizer para passar em sua sala para tirarmos as dúvidas, e ele sempre checava, ponto a ponto, o nosso trabalho antes de iniciarmos qualquer pro-

*CAPÍTULO 5. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA RUIM*³⁵

cedimento experimental e antes de entregarmos qualquer relatório à professora; desta forma, saberíamos que poderíamos ficar tranquilos, pois tudo teria passado pelo crivo de um experiente docente daquela área.

Capítulo 6

A primeira matrícula

Embora a UFABC não tenha sido a primeira IES pela qual eu passei, ela foi a primeira onde eu concluí um curso de graduação, o que significa que foi a única instituição na qual eu vivi por vários anos os problemas associados ao recorrente e penoso processo de matrícula.

Na UFABC, quadrimestralmente, é preciso que sejam feitas matrículas nas disciplinas a serem cursadas no quadrimestre seguinte. Durante um dado período, o sistema de matrículas permanece aberto para que os alunos escolham as turmas em que desejam se matricular. Exceto por poucos casos à parte, os alunos têm acesso às

informações de campus, dias de aula, TPI¹, nomes dos professores (de Teoria e Prática) previstos², curso responsável pela turma, número de vagas disponíveis, e número de requisições de matrícula.

No caso de alunos ingressantes, que era o meu caso, a recomendação era a de que eu me matriculasse em todas as disciplinas do segundo quadrimestre do BCT, então foi isso que eu fiz. Mas a matrícula dos ingressantes tem um diferencial no primeiro quadrimestre do curso, que é o fato de que o único critério para se conseguir a vaga é a ordem de chegada.

Em geral, várias são as métricas consideradas, mas, dado que a matrícula em disciplinas ocorre ainda durante o quadrimestre, os conceitos de cada disciplina do primeiro quadrimestre ainda não foram lançados no sistema pelos professores; isso é feito em um período específico que ocorre apenas ao final do quadrimestre.

¹Cargas horárias semanais de Teoria, Prática e Individual, sendo que “Individual” se refere às horas de estudo individual recomendadas para que o aluno estude a cada semana.

²Apenas uma previsão, pois podem ser feitas modificações, e há casos em que sequer são colocados nomes, pois ainda não há professores definidos.

Assim, como eu disse, os alunos passam por um processo de matrícula com um critério diferente apenas na primeira matrícula, que é a ordem de chegada. Como já se deve imaginar, isso cria um clima de correria inesquecivelmente estressante, principalmente em cima dos que mais sofrem para acessar o sistema durante o seu horário mais crítico para os ingressantes, que é a hora de abertura do sistema.

No meu caso, tive uma vantagem bastante grande, que foi o fato de que eu pude me matricular com o auxílio de um computador ligado à rede cabeada do próprio campus, então havia uma latência bastante baixa, e tive o conforto de poder estar sentado em frente a um monitor grande e utilizando um teclado e um Mouse em pleno funcionamento. Outros, infelizmente, tiveram de correr para se matricular via Smartphones de baixo desempenho, com pequenas telas de baixa qualidade, e dependendo de um sinal de conexão com a Internet sem fio que vivia passando por problemas, fosse via Wi-Fi, fosse via rede celular.

Eu me lembro do fato de que houve um pequeno grupo de alunos, TAs e docentes que havia realizado uma breve palestra com o intuito de explicar algumas particula-

ridades a respeito do processo de matrícula aos ingressantes. Isso era realmente necessário, pois não é comum que uma universidade permita que seus alunos solicitem matrícula em praticamente qualquer disciplina ofertada por qualquer um dos cursos de toda a instituição.

Essa liberdade, que confere todo um grande conjunto de pontos positivos à formação do jovem, também confere todo um conjunto — possivelmente, até maior — de pontos negativos; afinal, para que tudo saia da melhor forma possível, espera-se do discente níveis de maturidade e de responsabilidade extremamente elevados, e tais níveis não seriam observados na maioria dos alunos.

Eu senti que houve ótimas intenções nas tentativas de ajudar os discentes a procurarem ser mais cautelosos e mais responsáveis na hora de solicitarem as matrículas no sistema Online. Contudo, infelizmente, pela forma como havia sido feita a abordagem, houve um número imenso de alunos que simplesmente não assistiu à palestra, e isso ocorreu por múltiplos motivos distintos.

Muitos de meus colegas sequer ficaram sabendo de tal evento. Dentre os que estavam cientes, alguns não haviam tentado comparecer pelo simples fato de ter sido

uma atividade que não era obrigatória e que ocorreria em um horário que não era o normal das aulas. Esse evento também teve um problema de superlotação, então houve alunos que desistiram de assistir por não haver vaga na sala. Além disso, também houve quem tivesse se recusado a assistir por pensar que não precisaria receber qualquer tipo de ajuda sobre isso.

Eu me lembro de um comentário jocoso que uma das palestrantes havia feito para ilustrar alguns dos erros comuns que muitos dos estudantes cometiam ao se verem totalmente livres no processo de matrículas. Ela havia dito que diversos alunos se baseavam pura e simplesmente nos nomes das disciplinas para se decidirem quanto a quais deveriam incluir ou remover de sua solicitação de matrícula. Chegou a mencionar até algumas disciplinas que tinham nomes muito convidativos, e que pareciam ser muito fáceis, como as que tinham palavras como “introdução” ou “fundamental”, mas que poderiam ser disciplinas recomendáveis apenas a quem já tivesse uma formação em um nível um pouco mais avançado.

Similarmente, mencionou que havia alunos que cometiam o equívoco de pensar que disciplinas experimen-

tais, como as que têm “laboratório”, “práticas”, “aplicações” ou “experimental” no nome, seriam mais fáceis e mais agradáveis pelo simples fato de os alunos acreditarem que as práticas em laboratório fariam com que tudo, supostamente, fosse mais divertido e de um jeito que se assemelharia ao estereótipo de um cientista ou um engenheiro, mas que isso geralmente era um erro enorme, porque muitas das disciplinas experimentais partem do pressuposto de que os alunos já teriam cursado disciplinas teóricas associadas ao que seria abordado nos laboratórios, e não haveria muito espaço para quem quisesse apenas começar a ter seus primeiros contatos com o conteúdo.

Como eu já tinha uma idade um pouco mais avançada do que a maior parte de meus colegas, e como eu já havia passado por algumas outras instituições e cursos antes de ter passado pela UFABC, eu tinha alguma ideia do que eu não deveria fazer em um processo de matrícula, mas achei prudente assistir às orientações mesmo assim, e não me arrependo disso; penso que houve pontos de vista a partir dos quais eu não enxergaria a situação se não tivesse tido contato com o que nos havia sido apresentado naquela palestra.

Recomendo que os alunos, à medida do possível, prefiram ir a esses eventos, por mais que pensem que já sabem exatamente como proceder, e mesmo que tenham de enfrentar algumas pequenas dificuldades para isso. Para assuntos com essa seriedade, o melhor é que seja você mesmo quem tenha comparecido, assistido, e feito as perguntas que tenha julgado necessárias. Evite ao máximo enviar colegas para assistirem por você.

Mais do que isso, ao ir a um evento como esses, realmente participe do evento; ou seja, não fique apenas ali fingindo que está prestando a devida atenção, enquanto, na verdade, está mexendo no Smartphone, olhando suas redes sociais, conversando com colegas sobre outros assuntos que sequer possuem relação com o que estiver sendo abordado no evento, e por aí vai.

Capítulo 7

A primeira pesquisa

Ainda durante o primeiro quadrimestre, em uma aula de EM já prestes a ser encerrada, o professor, que era uma pessoa que havia conquistado o respeito e a admiração de praticamente toda a turma, pediu a atenção de todos para fazer um comunicado antes de dispensar os alunos.

Ele explicou um pouco sobre alguns dos tópicos com os quais ele trabalhava em suas pesquisas e anunciou que estava à procura de alunos para trabalharem sob sua orientação em um tal de Pesquisando Desde o Primeiro Dia (**PDPD**), que seria algo como uma espécie de Iniciação Científica (**IC**) para alunos ingressantes. Então, disse que

permaneceria ainda por alguns minutos extras na sala para conversar com quem tivesse interesse, e dispensou a turma.

Um colega meu e eu havíamos ficado muito empolgados com essa possibilidade e fomos conversar com o professor. Foi um papo bastante breve, mas muito amigável; o professor era realmente muito receptivo e, como era alguém que conseguia reunir uma rara eficácia na combinação entre ensinar um conteúdo de forma bem-humorada e ser alguém descontraído na sala de aula, o nosso interesse em conseguir trabalhar ao seu lado era ainda maior.

Ele havia feito questão de alertar que a sua abordagem seria puramente teórica, e explicou um pouco mais profundamente sobre o que ele pesquisava. Como ele sentiu que o meu colega parecia muito mais empolgado com aquilo do que eu — posso afirmar que eu havia me sentido atraído pela pesquisa, sim, mas meu colega parecia estar salivando em frente a um banquete naquele momento —, ele conversou rapidamente comigo e me recomendou que procurasse um colega dele, pois ele sentiu que eu gostaria muito mais de sua linha de pesquisa do que da dele.

Seguindo seu conselho, eu enviei um e-Mail ao seu colega, que também era professor do Bacharelado em Fís-

sica da UFABC e, como tal, também ministrava aulas do BCT. O professor aceitou prontamente marcar uma reunião para conversar comigo, o que eu não esperava.

Naquela época, minha visão de mundo ainda era muito limitada; eu tinha a visão de que professores doutores eram como criaturas mágicas que, vez ou outra, desciam de seus tronos celestiais e, brincando com palavras e traços de giz em sua caixa de areia, uma superfície escura conhecida como lousa, ao longo de quase duas horas, deixavam respingar alguma sabedoria que decantaria em meio às esmorecidas mentes amauróticas enfileiradas em uma espécie de oceano de lamúrias abissais, também conhecido como sala de aula.

Conversando com o professor, já comecei a sentir logo de imediato que nós nos daríamos bem, pois ele era muito bem-humorado, muito respeitoso e parecia ser alguém que realmente amava o que fazia. Está aí uma belíssima combinação de qualidades positivas que tanto gostaria de ter a felicidade de encontrar mais frequentemente.

Por conta do respeito que me fora ensinado, mesmo o professor sendo muito jovem — devia ter seus trinta e poucos anos na época —, chamei-o de “senhor”, mas ele

sorriu, e fez questão de dizer que aquilo não era necessário; eu poderia chamá-lo de “você”. Parece um ato pequeno, mas foi um gesto de humildade suficiente para provocar mais um registro positivo sobre ele em minha mente.

Conversamos sobre o motivo de eu querer fazer o PDPD, sobre como era o projeto que ele já possuía pronto para ser colocado em prática, sobre o quanto aquele projeto me agradava, e sobre diversos outros assuntos que ele julgou serem oportunos para tentar me conhecer um pouco melhor e, é claro, para me permitir conhecer também no que eu estava me envolvendo. Achei muito prudente e muito gentil da parte dele.

Eu me lembro do tema até hoje: *Transporte Eletrônico em Materiais Nanoscópicos: uma abordagem inicial*. Um pouco assustador no começo, apesar do “uma abordagem inicial”, mas, com a maravilhosa orientação que havia recebido, tornou-se, aos poucos, cada vez mais compreensível e factível.

Nós fazíamos reuniões com certa frequência e, durante um bom tempo da pesquisa, eu costumava ficar à tarde em sua sala, logo ao lado dele, o que, apesar de me deixar um pouco acuado e receoso, ajudava-me a manter o

foco no trabalho, que era algo muito desafiador para mim, dado que perdia a concentração com grande facilidade em alguns momentos.

Minha formação básica não foi das melhores e, logo no começo da minha graduação na UFABC, já teria de trabalhar com conteúdo de álgebra linear, cálculo, física quântica, eletromagnetismo, programação, além de outros mais. Se não fosse pela enorme paciência e pelos esforços do orientador que tive, aquele trabalho não teria saído de modo algum.

Ele fazia parte de um grupo de pesquisa de materiais avançados na Universidade, que contava com vários alunos da graduação e, principalmente, da pós-graduação; vários eram estrangeiros. Eles se reuniam frequentemente para apresentarem trabalhos, discutirem possíveis abordagens a serem exploradas em projetos futuros e apresentarem palestras.

Embora eu fosse ainda um mero aluno ingressante da graduação, ele já havia me colocado em contato com esse grupo. Dada a participação de estrangeiros, a comunicação durante esses encontros era muitas vezes feita em inglês, que não era o meu ponto forte, embora conseguisse

me virar.

Meu orientador era realmente muito boa gente, mas isso não significa que ele era uma pessoa que estava lá para só viver dando risadas e deixar qualquer coisa passar à toa. O bom humor que tinha não deve ser confundido com a possibilidade de se tratar de um profissional relapso, desinteressado, descomprometido, ou algo do tipo, pois, definitivamente, não era esse o caso.

Incomodado com um sumiço repentino de minha parte durante um período de recesso da graduação, sem aparecer em sua sala por algumas semanas, sem enviar e-Mails, sem me comunicar com ele de qualquer forma que fosse, assim que eu apareci para participar da próxima reunião do grupo de estudos dele, ele cumprimentou a todos ao lado de fora da sala, sempre com um sorriso no rosto, e foi dando espaço para que os demais alunos fossem entrando na sala; mas, intencionalmente, ele fez com que nós dois fôssemos os últimos a entrar, para que ele falasse algo comigo antes. Então, bem de perto, ainda com um grande sorriso — agora um pouco amedrontador, mas ainda muito respeitoso —, ele olhou no fundo dos meus olhos e disse: *“Tito, eu sou o seu orientador; o aluno é você. É você*

quem tem que vir atrás de mim, não eu que devo ir atrás de você. Quem quer aprender é você. Certo?”

Concordei quase que exclusivamente com um leve balançar de cabeça e com um muito tímido “*sim*”, que pronunciei de forma quase inaudível, então entrei rapidamente, sentei-me, participei da reunião quase furtivamente, e fui embora depois, pensando ao longo de todo o trajeto até minha casa, que durava cerca de 1h30.

Não achei legal na época, e não pensei que alguém tão adorável quanto ele fosse agir daquela forma comigo, principalmente por eu, honestamente, não ter compreendido o motivo de eu ter sido repreendido; a meu ver, o período de recesso era justamente para que eu descansasse e me mantivesse afastado das atividades da graduação.

Havia sido um período bastante tenso, bastante cansativo, e eu ainda não me via como alguém que estava ali assumindo um cargo, ou algo do tipo — não parecia fazer sentido. Fora o fato de que, a meu ver, eu já havia cumprido com as minhas obrigações para com a Universidade e, inclusive, para com ele e seu grupo de estudos; não pensei que ele poderia ter feito outra interpretação sobre a minha conduta.

Eu levei bastante tempo para entender, mas ele tinha razão; e ainda bem que ele fez aquilo — não quanto à forma, mas quanto ao objetivo almejado —, pois me ajudou a evoluir muito em diversos quesitos. Ele não chegou a ser oficialmente meu professor em nenhuma disciplina da graduação, mas acabou sendo uma das pessoas mais fantásticas que tive o prazer de conhecer, e contribuiu de uma forma inesquecível em minha formação.

Não muito tempo depois, soube que ele havia sido aprovado em um concurso público no Instituto de Física Teórica (**IFT**) da UNESP. Eu não entendia exatamente o motivo de ele ter prestado o concurso para lá, pois já era professor concursado em uma UF, com um salário que na época eu pensava ser muito bom, e já parecia ser muito feliz com a vida que tinha. Mesmo assim, ao saber que foi aprovado, pareceu estar ainda mais feliz do que já aparentava ser. Infelizmente, isso ocorreu ainda no meio do nosso projeto de pesquisa, então ele precisou conversar comigo sobre os possíveis caminhos a partir de então.

Eu poderia escolher desistir do projeto, ou poderia mudar de orientador para continuar o projeto com algum professor disposto a conduzir a outra metade da orienta-

ção, ou poderia continuar a pesquisa ao lado dele, mas fazendo menos contatos presenciais e, quando precisássemos nos encontrar pessoalmente, eu deveria ir ao campus do IFT-UNESP, próximo à estação Barra Funda do Metrô, em São Paulo.

Sem precisar pensar muito para responder, eu optei por continuar, pois não havia qualquer motivo minimamente lúcido que me fizesse pensar em desistir daquele professor ou daquele projeto. Quanto ao projeto, ainda tinha muito a ser feito, e eu já havia aprendido muito com ele, e o professor que eu tinha como orientador seria impossível de substituir sem que eu acabasse sofrendo com perdas bastante relevantes dos frutos que estavam ainda por vir.

Fui, então, ao campus do IFT algumas vezes para me encontrar com o meu orientador. Nunca havia passado por essa experiência antes. Pensava ser algo estranho; quase errado, na verdade. Na primeira vez, eu me senti como se eu fosse um espião ali dentro. Tentava me portar como se fosse um aluno da casa, porque, na minha cabeça, eu tinha a impressão de que eu não poderia estar ali, dado que não era realmente um aluno do IFT ou um funcionário.

Acho que quem me via pensava que eu fosse um maluco no campus e só mantinha distância.

Diferente da UFABC, as salas dos professores pareciam ficar, de certa forma, isoladas. Havia um longo corredor cheio de portas totalmente fechadas nas laterais. Não era possível saber se havia alguém ali dentro, e o corredor era deserto. Fui até a sala indicada pelo meu orientador, que era uma das últimas do corredor, bati na porta e aguardei para ser recebido, torcendo para que houvesse alguém ali.

Logo que ele abriu a porta e me chamou, eu vi sua sala e, mesmo sendo relativamente modesta, eu consegui ver algumas melhorias impactantes. Era uma sala consideravelmente maior, com uma grande mesa, uma lousa realmente enorme, e que era de giz — e ele era um amante de lousas de giz, sendo que na UFABC as lousas das salas dos professores são quadros brancos —, e havia também uma grande impressora multifuncional, acesso à Internet de alta velocidade; tudo isso era exclusivamente seu.

De qualquer forma, mesmo com toda a sua ajuda, aquele trabalho era bastante difícil para mim. Não era entediante, não era irrelevante; era realmente difícil. Por

mais que eu procurasse ler todos os artigos que me fossem passados, por mais que eu procurasse anotar minhas dúvidas e levá-las ao meu orientador, por mais que ele me desse dicas, por mais que ele fizesse tudo o que estivesse ao seu alcance para me ajudar, compreender o que estava acontecendo naquele trabalho parecia ser algo impraticável, a menos que não fizessem questão de que eu me aprofundasse muito nas explicações.

Assim como ocorre com os trabalhos de IC, os trabalhos de PDPD também precisam ser apresentados no Simpósio de Iniciação Científica (**SIC**) que a Universidade realiza ao final de todos os anos, em Novembro, como de costume. Então, além de já terem feito um relatório explicando o que fizeram, daquela forma típica, que contém introdução, objetivos, justificativa, metodologia, resultados, discussão, conclusão, trabalhos futuros e referências, os alunos também deviam fazer e expor um pôster e, durante toda uma tarde, ficar ao lado do pôster para apresentá-lo a quem quer que por lá aparecesse, sobretudo aos professores que estivessem ali como avaliadores.

Então, coloquei meu pôster em um painel e fiquei todo ansioso ao seu lado para dar explicações a quem

me pedisse. De onde eu estava, pude ver várias pessoas apresentando seus trabalhos, e fui utilizando aquela informação para ter uma ideia de como eu deveria proceder. Era tensão demais à toa, pois era um ambiente muito mais tranquilo do que minha mente compreendeu naquela época; digo isso porque, anos depois, eu frequentei o mesmo simpósio por diversas vezes para conhecer e prestigiar os trabalhos dos alunos. Aproveito até para deixar aqui o convite a toda e qualquer pessoa: participe desses eventos dentro das universidades, mesmo que você não seja membro interno da comunidade acadêmica, e mesmo que seja apenas para prestigiar os trabalhos e conhecer um pouco mais sobre o que é feito pelos alunos.

De fato, professores avaliadores vieram ver meu trabalho, pediram que eu lhes apresentasse meu trabalho e, então, fizeram algumas perguntas, mas eram professores muito tranquilos, que eu já conhecia, e que apenas queriam fazer seu trabalho sem me assustar ou me jogar contra a parede. Ninguém ali estava com más intenções, e isso era bem nítido.

Eu me lembro que naquele dia, depois de todas aquelas horas apresentando em pé, eu ainda tive aulas no pe-

riodo noturno, e uma das aulas havia sido um laboratório de Bioquímica, durante o qual eu acabei ficando em pé por quase todo o tempo, e ainda tive de voltar para casa, enfrentando parte do caminho a pé, parte em um trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (**CPTM**), duas partes em trens do Metrô, e mais um trecho de caminhada, o tempo todo carregando o meu pôster em lona com uma vara de madeira, que não era nada leve.

Lembro-me de um momento específico, enquanto estava na plataforma do Metrô na estação Tamanduateí (sentido Vila Madalena). Eu havia dito a mim mesmo que jamais me meteria a trabalhar com pesquisa, pois aquilo não era para mim. Eu estava tão cansado e cheio de dores nos pés, dores nas costas e, também, dores psicológicas, além de tantos estresses se passando pela minha cabeça, que eu pensei que a melhor coisa que eu poderia ter naquele dia seria chegar à minha casa, tomar um longo banho, fazer uma refeição quente e dormir ininterruptamente por pelo menos 12 horas.

Ainda bem que eu soube perceber que precisaria ter calma, que boa parte do que eu estava passando — principalmente quanto às questões psicológicas — não era rela-

cionado ao trabalho de pesquisa, e não deixar que aquele sentimento negativo momentâneo se solidificasse e se perpetuasse, pois, caso contrário, eu não estaria hoje escrevendo este livro. Em uma versão um pouco mais dramática, posso dizer que, por menor que tivesse sido a chance de isso ocorrer, talvez eu sequer tivesse concluído a graduação.

Por sorte — ou qualquer que seja a palavra que você prefira utilizar —, eu tive bons professores que me ensinaram a pensar e refletir já desde quando eu ainda era uma criança. Isso não me torna um filósofo, tampouco um sábio; mas, a meu ver, isso me auxilia a rever conceitos, a revisitar tópicos mentalmente, a procurar olhar novamente para lembranças de experiências de vida a partir de pontos de vista distintos.

Pode não parecer algo tão significativo, mas isso me ajuda a analisar se as minhas formas de encarar determinadas situações foram tão coerentes e proveitosas quanto poderiam ter sido. Minhas ideias nem sempre estão corretas, e eu procuro revê-las de tempos em tempos, justamente com o intuito de refletir quanto a possíveis injustiças cometidas por mim ou por meros deslizes quanto às

minhas interpretações.

A respeito do que eu havia pensado sobre não me envolver novamente com pesquisa, essa história não se encerra por aqui, como já é de se esperar.

Capítulo 8

A primeira busca por ajuda

Durante uma parte muito grande de minha vida, eu tive como atividade de lazer os jogos digitais, majoritariamente, por computador — sempre preferi PC. Muitos deles eram jogos Multiplayer Online, i.e., eu jogava via Internet com outras pessoas. Lembro-me de diversos deles até hoje. Counter-Strike, World of Warcraft, League of Legends, Defense of the Ancients (**DotA**), Day of Defeat, Battlefield, Age of Empires, Doom, Lineage, Priston Tale, Diablo, Team Fortress, Minecraft, Warframe, Unreal

Tournament, entre tantos outros.

Para melhorar a comunicação com outros jogadores, era comum explorar algum programa de voz sobre IP (**VoIP**, *Voice over Internet Protocol*), ou afim. Acabei, com isso, conhecendo muitas pessoas de diversos lugares do Brasil, e até alguns estrangeiros. Uma delas, em particular, era um advogado já bastante experiente, de meia idade, que vivia conversando sobre suas experiências profissionais comigo.

Eu me lembro de algo que me marcou muito em uma longa conversa cujo final trazia a lição de que eu deveria procurar, sempre que possível, utilizar serviços de consultoria com o objetivo de minimizar danos e maximizar resultados, principalmente quando eu fosse leigo na área em questão. E a forma como aquela conversa ocorreu foi muito persuasiva; ele realmente soube usar bem as palavras e fornecer exemplos de situações que me fizeram ficar receoso quanto a diversos tópicos na vida.

Por conta do que acabei aprendendo com diversas pessoas em minha vida, procurei ser mais cauteloso quando me aventurei em algum ambiente novo. Neste caso, o ambiente novo era a UFABC. Então, nada mais justo que

começar a procurar por informações e tentar me munir de recursos que pudessem me auxiliar de alguma forma, ainda que fossem apenas sugestões vindas, desde que viessem de gente mais preparada que eu — felizmente, a UFABC possuía algo nessa linha.

Devo dizer que me surpreende um pouco saber que quase nenhum colega com quem convivi na graduação conhecia este programa, mas a UFABC possui um recurso que, ao menos em teoria, visa auxiliar os alunos a conduzirem melhor a sua formação na graduação. Falo aqui do Programa de Ensino e Aprendizagem Tutorial (**PEAT**).

Quando tomei conhecimento do PEAT, procurei-o com o objetivo, justamente, de minimizar danos e maximizar resultados. Sem ter ainda muitos conhecimentos para escolher os critérios a serem considerados, quais seriam as métricas de avaliação e quais seriam as urgências envolvidas, utilizei algo mais subjetivo em minha análise e escolhi o professor que mais me pareceu ser agradável, que era o meu orientador de PDPD, mesmo ainda não tendo passado pelo PDPD na época; havia apenas tido poucas conversas com ele.

Por conta de tudo o que passei ao lado do meu ori-

entador de PDPD, posso assegurar que teria sido uma excelente escolha, caso tivesse sido ele o meu orientador de PEAT; mas, como o próprio edital alertava, não havia qualquer garantia de que o professor escolhido pelo aluno seria realmente o orientador de PEAT, pois dependeria de diversos fatores, tais como a disponibilidade do professor, a existência de vagas, além de outros critérios que não me pareciam ser tão claros na época. Assim, não fiquei surpreso quando o resultado foi publicado com o meu nome ao lado do nome de um professor que eu desconhecia.

Esse outro professor tinha uma fama relativamente ruim entre alguns alunos veteranos. Ele era conhecido como uma pessoa com uma didática duvidosa e que era exigente em demasia. Supostamente, não era uma pessoa muito aberta, não gostava muito de conversar sobre questões pessoais, e tinha algumas opiniões duras sobre desempenho acadêmico. Até alguns professores chegaram a mencionar que entendiam que ele, apesar de muito profissional, era uma pessoa bastante exigente. Realmente, parecia que eu havia me metido em uma fria.

Ao ter sido convocado a comparecer em sua sala para a primeira reunião, fui com a sensação de que estava pres-

tes a levar uma passada de sabão simplesmente por eu existir. Cheguei à sua sala, onde ocorreria a reunião, e outros alunos foram chegando aos poucos. Ao conversar com ele, não me pareceu ser a pessoa construída por minha mente com base nas descrições que haviam sido passadas a mim. Ele era, sim, um pouco sério, mas era perceptível a presença de algum humor, e era bastante educado na comunicação.

Ele perguntou sobre os motivos de querermos participar do PEAT, perguntou se nós estávamos enfrentando dificuldades com as disciplinas, perguntou se seguíamos algum método de estudo, e alertou sobre a importância de tomar cuidado com a matrícula nas disciplinas dos próximos quadrimestres para não nos complicarmos como alguns outros alunos haviam se complicado por terem feito más escolhas.

Ao final, havíamos ficado por lá, em sua sala, ainda batendo um rápido papo sem muita relação com o PEAT e, com isso, ele mostrou um pouco mais de seu lado humano, o que parecia contrariar boa parte do que alguns dos alunos pareciam tentar ilustrar sobre ele. Pode ser que os alunos tivessem enfrentado alguma situação pontual sobre

a qual eu não fiquei sabendo, mas eu não enxerguei nele a figura que haviam contribuído para que eu enxergasse, então procurei seguir com meu próprio olhar.

A disciplina mais ministrada por esse professor era Fenômenos Eletromagnéticos — a famigerada disciplina de *Eletromag* —, que é considerada uma das disciplinas mais difíceis de todo o BCT. Não é à toa que chegou a ser uma das disciplinas com maior percentual de reprovações. Era uma disciplina composta de teoria e laboratório, mas os pesos das notas não eram iguais; a teoria tinha um peso significativamente maior, o que até hoje rende algumas discussões.

Por hora, eu preciso apenas transmitir o quão difícil era ser aprovado nesta disciplina, e era ainda mais provável a reprovação se você fosse aluno de certos professores, sendo que o meu orientador de PEAT, pelo que me contaram, era um deles. Talvez seja importante eu deixar explícito aqui que naquela época não havia *disciplinas unificadas*¹. Cada docente era responsável pela sua própria turma, cabendo apenas a ele definir como seriam

¹Disciplina que seguiria um sistema de avaliação unificado, com diversos docentes se responsabilizando pela elaboração e pela correção das provas, que seriam as mesmas, independentemente da turma.

suas aulas e sua avaliação.

De todas as coisas que haviam falado sobre ele, o seu rigor quanto ao desempenho acadêmico dos alunos parecia ser a única que estava de acordo com as descrições. Sobre isso, preciso dizer que até me esforcei para tentar encontrar uma maneira de interpretar que não era bem essa a realidade, mas não consegui. Parecia ser realmente esse o caso.

Não posso dizer que isso seja exatamente errado, mas, possivelmente, havia alguns exageros; ou, para talvez ser um pouco mais justo com o professor, talvez ele apenas estivesse procurando exigir mais dos alunos para que eles procurassem se esforçar mais. Particularmente, não sou fã de abordagens assim, mas estou apenas tentando ver um lado bom, ainda que fosse apenas em suas intenções.

Ele e eu nos encontrávamos com uma elevada frequência porque fazíamos boa parte do mesmo trajeto para ir à Universidade. Com isso, acabávamos seguindo juntos o caminho e conversando sobre diversos assuntos; até mesmo sobre assuntos que não tinham relação com a Universidade. Fui, cada vez mais, vendo um lado nele que eu acredito que pouquíssimos outros alunos viam.

Posso dizer que passei a compreender muitas questões do mundo acadêmico graças às conversas que tive com ele, porque ele era um dos poucos professores que, já naquela época, conversavam abertamente comigo. Não digo que ele realmente estivesse me contando tudo o que sabia, mas ele ao menos contava algo e me perguntava qual era a minha opinião sobre alguns assuntos. Sempre que eu tinha algo a dizer, ele parecia pelo menos ouvir, mesmo que talvez ele não concordasse totalmente.

Durante uma de nossas conversas, eu me lembro que ele me contou sobre parte de sua graduação. Disse que chegou a ser reprovado em Cálculo I durante o curso de Bacharelado em Física na Universidade de São Paulo (USP), e que aquilo o havia marcado bastante; fez com que mudasse muito sua postura. Depois, ainda durante esta mesma conversa, ele me disse que estava ciente sobre a sua exigência em relação ao desempenho dos alunos, e disse que era verdadeira, mas tentou explicar o que fazia com que ele enxergasse assim.

Segundo ele, a universidade é um sistema que, além de ter outros objetivos, deve melhorar a qualidade do aluno, sendo que essa qualidade poderia ser aferida com

base em seu desempenho acadêmico. Aos olhos dele, se você está em uma graduação, ou seja, no ensino superior, então você já deve ser considerado perfeitamente apto a resolver quaisquer questões que sejam consideradas de ensino básico. Analogamente, caso você esteja ao final da graduação, você deveria estar apto a resolver qualquer questão classificada como de início da graduação; caso contrário, há um problema em sua formação.

Pelo que ele disse, diversos alunos veteranos da graduação várias vezes erravam interpretações simples e cálculos básicos por causa de erros referentes a tópicos que eles já deveriam ter aprendido, fosse no início da própria graduação, fosse em sua formação básica na escola. Isso foi algo que me fez pensar muito. Não tirei conclusões precipitadas sobre os alunos ou sobre o professor, mas fiquei bastante pensativo e só voltei a resgatar esse assunto para refletir novamente muito tempo depois.

Em relação ao PEAT propriamente dito, eu me encontrava com tanta frequência com o meu orientador, e conversávamos tanto ao longo do trajeto até a Universidade, que não víamos uma real necessidade de marcar horários específicos para conversarmos ainda mais sobre

a minha orientação. Acabou sendo conveniente para nós dois. A orientação dele era algo muito positivo e que eu gostava muito de ter, e eu podia ter tudo isso enquanto simplesmente caminhava até o campus.

Ele me ajudou a refletir sobre questões como mudança de turno, ajudou a planejar melhor as minhas matrículas, ajudou a pensar melhor sobre escolha de professores, ajudou a sentir mais confiança na escolha de curso que eu havia feito, e me ajudou a entender melhor o funcionamento de certas partes da Universidade.

Não dá para dizer que isso tudo foi tempo perdido de modo algum, tampouco que foi algo de menor importância. Ele foi alguém muito importante em minha formação, e até me motivou a tentar fazer o mesmo com outros alunos mais novos depois. Isso, aliás, chegou a ser feito, mas falarei mais sobre isso em outra oportunidade.

Capítulo 9

O foco errado

Durante o período que antecede o início da graduação, é muito comum crescermos ouvindo que “aquilo lá” não é para qualquer um, e que é muito difícil, porque demanda muito estudo, muito foco, muita força de vontade, e por aí vai. Muitos de nós crescem pensando que ingressar em uma IES, cursar uma graduação e formar-se no curso escolhido é como se fosse participar de uma guerra e depois retornasse, não só vivo, mas como um verdadeiro herói.

Com isso, da mesma maneira que vi muita gente entrando na graduação e não dando o devido valor à opor-

tunidade, pois vivia para lá e para cá, sem qualquer compromisso real com os estudos, apenas ficando de bobeira, perdendo tempo, nunca abrindo um livro sequer, e só querendo ir atrás dos estudos quando estava prestes a se iniciar uma semana com várias provas, eu também vi muita gente quase que se internando na Universidade, e abrindo mão de toda e qualquer atividade que ocorresse por fora dos estudos das disciplinas da graduação.

Muitos pensam que, assim que ingressam em uma graduação, sobretudo em uma IES pública, é bom abandonar todas as atividades que não sejam destinadas às aulas em si. Noto que os pais, e até alguns docentes (de visão um pouco mais limitada), costumam até mesmo apoiar isso. Há até quem chegue a tentar colocar medo nos alunos que tentam se envolver com outras atividades, e há quem faça isso de uma forma mais sutil, mais velada, como tecendo elogios única e exclusivamente a respeito de quem segue por esse caminho de abandonar tudo e focar apenas nas aulas e nos estudos para as disciplinas, como se apenas esses estivessem certos.

A mensagem que é transmitida por meio dessas atitudes é a de que a única maneira de se conseguir evoluir

academicamente é pelo mesmo velho método de sentar o bumbum em uma desconfortável cadeira e, por ali, passar várias longas horas com os olhos passeando ao longo das linhas, espalhando tinta ou grafite sobre o papel e metralhando os botões de uma calculadora com os dedos. Toda e qualquer outra atividade além dessa maneira arcaica e triste de aprender, então, deveria ser vista como uma perda de tempo, um desperdício de recursos, um atraso.

Eu mesmo já caí nessa. Já tive essa visão turva sobre a vida acadêmica. Ratifico com todas as letras que, embora eu me arrependa muito disso, eu cheguei a pensar que a única coisa que importava realmente era o estudo dessa forma, e eu passei a ter uma visão ainda mais agressiva sobre isso depois que passei a dar ouvidos às pessoas erradas, o que inclui discentes e docentes.

Eu tinha uma grande quantidade de atividades em minha agenda. Logo que comecei a graduação na UFABC, eu parei com várias; então, aos poucos, fui parando outras várias, até chegar ao ponto de eu quase não fazer qualquer outra coisa que não fosse ir às aulas da graduação e fazer as atividades diretamente solicitadas em cada uma delas. As únicas exceções de atividades por ali mantidas haviam

sido as do PDPD e do PEAT.

Criei e mantinha um Blog com mais de 150 textos de minha autoria publicados. Tocava violão, baixo e guitarra. Estudava desenvolvimento de jogos digitais. Jogava competitivamente alguns jogos. Estudava pintura a óleo sobre tela, pintura em gesso e escultura. Configurava, fazia manutenção e gerenciava servidores de jogos dos gêneros MMORPG e FPS, além de servidores de VoIP. Mantinha um intenso hábito de leitura de livros dos mais variados gêneros, assim como ia ao cinema com altíssima frequência e ao teatro com moderada frequência. Estudava os idiomas inglês e alemão.

Eu também participava de dois pequenos grupos informais de debates sobre tópicos pré-definidos. Tirava um tempo para “brincar” experimentando fazer pratos diferentes na cozinha. Estudava, de forma independente, sobre Linux, desenvolvimento de Websites, modelagem gráfica, animação, reparo e manutenção de computadores, suítes Office etc. Fazia alguns trabalhos como professor particular de diversas disciplinas de tópicos de ensino médio ou de informática. E havia ainda várias outras atividades além dessas mencionadas. Parei com todas as atividades.

Como eu havia parado com tudo, num primeiro momento, a sensação era a de que eu havia feito a coisa certa, e até mesmo a de que eu havia demorado demais para ter feito aquilo, pois eu conseguia ter muito mais tempo para estudar e para me concentrar nos afazeres das disciplinas, então parecia ser a coisa certa, principalmente por causa do que todos haviam me falado que seria o certo. Parecia que eu estava recebendo a aprovação dos outros, e isso parecia ser muito agradável; por isso, naturalmente, eu me sentia ainda mais confortável com a ideia de prosseguir fazendo isso.

O problema é que, por ter tirado todas as minhas atividades de fora da UFABC de minha agenda, incluindo várias que eu só depois acabei aprendendo que me ajudavam a me desligar um pouco dos meus afazeres mais formais e que me ajudavam a relaxar para me manter bem durante os meus estudos, eu passei a ser alguém muito mais tenso e ansioso; ainda bem mais do que já era, e eu sempre fui muito ansioso.

Infelizmente, naquela época, eu não havia me dado conta disso. Para mim, aquela tensão toda se devia ao mero fato de eu não ter amadurecido, não ter aprendido a

administrar a pressão, não ter aprendido a segurar a barra quando a situação se torna um pouco mais complicada; ou seja, a meu ver, era só uma questão de eu aprender a me acostumar com situações de maior pressão, que eu veria tudo se resolver, e que nada ali tinha qualquer relação com o fato de eu ter quase que abandonado o contato com um enorme número de amigos e colegas que eu tinha e mantinha por meio das várias atividades que realizava, ou mesmo com o fato de eu não ter mais um tempo para mim, apenas para ficar relaxando a mente de uma parte de minhas atividades diárias enquanto ocupava meu cérebro com preocupações de outra natureza e que me faziam descontrair para me sentir um pouco melhor depois de ter passado por várias situações tensas.

É claro que isso se deve a uma grande imaturidade de minha parte naquela época, mas as pessoas em quem eu havia confiado me incentivaram a seguir por aquele caminho. E, como eu havia dito, eu mesmo cheguei a ter essa visão e a mantê-la por um bom tempo. Não é algo que eu aceitaria manter hoje, e jamais recomendaria isso a quem quer que fosse iniciar uma graduação. Isso não trouxe qualquer tipo de benefício a mim, exceto pelo fato de eu ter aprendido que isso não se faz, e que não é algo

saudável de modo algum. Aliás, depois de ter adotado essa abordagem tão duramente criticável, eu passei a sentir que eu aprendia com bem mais dificuldade, demorava bem mais tempo para aprender conteúdos pouco complexos, cometia mais erros bobos em atividades simples, havia passado a ser mais ansioso, e até havia notado uma severa queda em minhas notas, apesar de eu não concordar que a nota reflita a qualidade do aluno.

Como havia sido um período durante o qual eu não havia me envolvido com qualquer atividade que não fossem as próprias aulas, eu sequer poderia dizer que havia enriquecido meu repertório ou recheado meu currículo de qualquer maneira que fosse. Não tive qualquer aprendizado único, não conquistei qualquer feito, não conheci qualquer novidade, não tive contato com qualquer pessoa que poderia vir a compor um grupo de amigos, colegas ou contatos de outra natureza e que tivessem alguma relevância a nível pessoal, profissional ou acadêmico. Foi um período de estagnação cultural, científica, acadêmica, psicológica e profissional. Realmente, só saí perdendo com essa abordagem nociva.

Felizmente, por mais que eu pense que demorou, eu

consegui me dar conta de que isso estava errado, e de que tal caminho só estava me prejudicando, então comecei a adotar um modo diferente de encarar a graduação. Hoje eu insisto que não é bom ficar apenas fazendo uma única atividade, a não ser que seja por um brevíssimo intervalo de tempo, e que se deva a alguma ocasião especial, que realmente demande isso; agora, francamente, é muitíssimo improvável que esse seja o caso pelo qual o aluno esteja passando.

Como quase nunca é o caso, o que eu recomendo realmente é que os alunos procurem se envolver com entidades estudantis, aceitem fazer menos disciplinas a cada quadrimestre se julgarem que isso é realmente necessário, envolvam-se com música, artes dos mais variados tipos, esportes dos mais variados tipos, aprendam idiomas novos, leiam muitos livros, inclusive os que aparentarem não ter qualquer mínima relação com a graduação, assistam a vários filmes e seriados, inclusive os de animação, e tenham sempre em suas agendas as atividades que os relaxem.

Tenham em mente que, ao seguir por esse caminho, com tantos outros afazeres, é verdade que haverá menos tempo para se dedicar aos estudos referentes às discipli-

nas, então pode ser necessário efetuar ajustes no número de disciplinas por quadrimestre, pode ser preciso elaborar e adaptar planos de estudos mais cuidadosos para cada disciplina em que se matricular; e, ainda assim, é importante tomar cuidado para não exagerar na quantidade de atividades extracurriculares, pois, afinal, isso ainda se trata de uma graduação; eu apenas gosto de lembrar que a graduação vai muito além das disciplinas, então não faz sentido apenas cursar disciplinas.

A graduação está muito mais próxima de uma maratona do que de uma corrida de 100 metros rasos. Não adianta querer dar o máximo de si logo no começo sem se preocupar com manter-se estável, física e psicologicamente, porque não adianta encarar os primeiros quadrimestres da graduação como se tudo o que importasse fosse desempenho acadêmico máximo e, pouco tempo depois, começasse a sentir que está tudo desmoronando por alguma razão. É muito melhor procurar dar, sim, o máximo de si, mas de forma equilibrada, procurando preservar a saúde física e a saúde mental da melhor forma que puder, e isso você notará que dificilmente conseguirá realizar se tiver como única e exclusiva atividade diária o conjunto de disciplinas da graduação e suas respectivas listas de tarefas e estudos.

Listas de Abreviações

BC	Bases Computacionais
BCH	Bacharelado em Ciências e Humanidades
BCT	Bacharelado em Ciência e Tecnologia
BECN	Base Experimental das Ciências Naturais
BI	Bacharelado Interdisciplinar
BM	Bases Matemáticas
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
DotA	Defense of the Ancients
EM	Estrutura da Matéria
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio

FPS	First-Person Shooter
IC	Iniciação Científica
IES	Instituição de Ensino Superior
IFT	Instituto de Física Teórica
LCH	Licenciatura em Ciências Humanas
LCNE	Licenciatura em Ciências Naturais e Exatas
MEC	Ministério da Educação
MMORPG	Massively Multiplayer Online Role-Playing Game
PcD	Pessoa com Deficiência
PDPD	Pesquisando Desde o Primeiro Dia
PEAT	Programa de Ensino e Aprendizagem Tutorial
PPI	Projeto Pedagógico Institucional
SA	Santo André
SBC	São Bernardo do Campo
SIC	Simpósio de Iniciação Científica

SiSU	Sistema de Seleção Unificada
TA	Técnico Administrativo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UF	Universidade Federal
USP	Universidade de São Paulo
VoIP	Voice over Internet Protocol